

DISCURSO NA HOMENAGEM AO BASTONÁRIO
DR. PEDRO PITTA (*)

1. Está a atenção das pessoas e dos organismos sociais demasiado hipotecada ao futuro. O passado é remetido para o rol das coisas mortas e resolvidas, de que sofredamente apenas se recolhem os aspectos negativos, ou como tal considerados. O presente, desligado do passado e reduzido à instrumental função de alicerce de um futuro mais ou menos abstracto, deixa de ser olhado pelo que nele se faz em favor das pessoas — de *todas* as pessoas — que o protagonizam e pelo que nele, em concreto, se dá a essas pessoas, que são carne e alma, suporte de preocupações espirituais e de imediatas necessidades materiais. Assim se esquece que a vida é para as pessoas e das pessoas e não dos objectivos e metas ideológicas, e que a tinta das canetas com que estas se escrevem nunca se poderá substituir ao sangue que pelas veias corre. Assim se esquece que a vida é uma sucessão de *presentes* e que amanhã já seremos passado e que de dia para dia vamos agarrando o futuro.

Creio, por isso, que o futuro se deverá enraizar e motivar na saudável inquietação do presente; que este, em tensão para o futuro, se medirá desde logo pelos palmos da esperança consciente e responsável; e que o passado, enquanto vida já expe-

(*) Feito na sede da Ordem em 18-11-1977.

rimentada, constitui permanente e vivificante selecção de critérios e de directrizes.

É a este passado — o passado das pessoas, das instituições e dos povos — que a história atribui sentido e sistematização. Direi, pois, com Ortega y Gasset, que, nesta medida, a história é um «entusiasta ensaio de ressurreição», uma «guerra ilustre contra a morte».

Para isso nos reunimos hoje aqui. E, cidadão e advogado que sempre me quis livre, sinto que, mais do que em puro simbolismo, está hoje de novo a presidir a esta sessão da Ordem, como se a morte dele não nos tivesse separado, o cidadão exemplar e o grande Bastonário Pedro Pitta, companheiro e amigo próximo de muitos de nós, paradigma de todos e honra e orgulho da nossa profissão. E sinto, também, que com essa presença nos chega, no calor da plenitude, a inteireza da sua tolerância, o seu descomprometimento responsável no diálogo e no estimulante entrecruzar das ideias, a persistente exigência do cumprimento exacto do dever, tudo como regra espontânea e programa nunca traído.

Falava Marañón, num ensaio que fez época, dos *deveres esquecidos* — de «los deberes olvidados». E talvez em nenhum outro local como nesta Ordem, cidadela perene e ininterrompida da luta justa e peremptória pelos *direitos*, se poderá, com autoridade imune a reticências, evocar essa essencial marca do perfil de Pedro Pitta, como cidadão e, mais especificamente, como advogado. Sabia ele que lutar pelos *nossos* direitos apenas ganha significado, dimensão e legitimidade enquanto cumprimos os *nossos* deveres — perante a sociedade, a família e a profissão. E estou certo que faria sua a afirmação de que triste é a época, desdobrada em pessoas e modos de agir, que se esvai, intoxicadamente, em delírios reivindicativos, esquecendo-se de se confrontar, em crítica humildade, com ela mesma, cada homem se olhando no espelho dos outros homens.

2. Aliás, rememorando os cinquenta anos desta Ordem, desde a declaração formal da sua institucionalização, sempre e em tudo encontraremos, sem uma só e fugaz hesitação de percurso, a imagem clara e ampla da reciprocidade do respeito, do diálogo fraternal e do cumprimento do dever, este como acto condicionante da exigibilidade dos direitos, queridos como *direitos*, e não como *prerrogativas* ou *privilégios*. Nunca as ideias nela afastaram os homens e até parece que, quanto mais divergentes, mais os aproximaram na convivência e no campo, cimentado pela nobreza do carácter, do combate pelo Direito e pela Liberdade.

Precederam Pedro Pitta, na presidência da Ordem, onze Bastonários. Encontraremos entre eles monárquicos liberais, como Martins de Carvalho, ministro de João Franco, Mário Pinheiro Chagas e Morais Carvalho, monárquicos legimistas como Domingos Pinto Coelho, e republicanos como, por exemplo, Barbosa de Magalhães, três vezes ministro da 1.ª República, Catanho de Menezes, quatro vezes ministro da Justiça e Adelino da Palma Carlos. E nunca, nos seus mandatos, a Ordem se fraccionou nem, aberta ou insidiosamente, adquiriu coloração política. A sua única política foi, inalteravelmente, a do Direito, a do prestígio da Justiça, a da dignidade na profissão, que todos quiseram independente e livre, assim justificando a imprescindibilidade da sua função social.

A propósito de Morais Carvalho referiu Pedro Pitta, ele próprio ministro da 1.ª República e oposicionista activo face ao *Estado Novo*:

«Estávamos em campos opostos: ele monárquico, eu republicano. De comum, entre nós, havia o respeito — que ambos sentíamos — pelo pensar contrário; a admissão de ser verdade para uns o que é mentira para outros, todos agindo com sinceridade idêntica; a certeza de que a correcção e a cortezia são essenciais para a boa convivência entre os homens».

Referiu Pedro Pitta, nesse discurso, depois publicado na *Revista da Ordem*, o episódio que, no limiar das suas relações, o havia aproximado de Moraes Carvalho:

«Em certo dia, quando menos poderia esperar-se, por vir inteiramente a despropósito, um deputado, usando da palavra, fez a afirmação de que os monárquicos, ao irem para Monsanto após a morte de Sidónio Pais, tinham sido traidores à Pátria. Revoltou-me a injustiça da afirmação e no meio do silêncio que se seguiu, declarei: — os monárquicos, indo para Monsanto, foram tão pouco traidores à Pátria, como os republicanos quando, em 1910, foram para a Rotunda. Uns, como os outros, estavam convencidos de que o melhor era o regime por que se batiam. A diferença — essa sim, bem sensível — está em que uns foram vencedores, e vencidos os outros. E acrescentei: — O meu respeito vai, igual, para todos aqueles que ariscaram a vida pelo seu ideal».

3. Pulsa nestas palavras não apenas a essência da personalidade de Pedro Pitta como a mais pura essência do pluralismo e da Democracia.

Foi por esse seu inderrogado pendor que, ao decidir que se prestasse homenagem ao Bastonário Mário Pinheiro Chagas, convidou Pedro Pitta, para fazer o seu elogio histórico, o nosso querido Dr. Constantino Fernandes, republicano de sempre, intransigentemente republicano na lúcida firmeza que autoriza a tolerância e intensifica o respeito. E na memorável sessão em que Heliodoro Caldeira — uma saudade que me embacia os olhos, ele que parecia feito para ser calor de vida e inquietação e não para ser absorvido pela morte — trouxe de novo a esta Casa o carácter e o perfil do Bastonário Carlos Pires, o Dr. Constantino Fernandes revelou a todos que não tinham conhecido Pinheiro Chagas a rara dimensão intelectual e elegância moral de exilado monárquico que, em 1911, alcançara em Paris uma excepcional qualificação nos meios forenses, a ponto de colaborar em pé de igualdade com o advogado Ale-

xandre Millerand, depois Presidente da República. Qualificação que, sublinhou o Dr. Constantino Fernandes, só viria a ser atingida mais tarde por outro exilado português: o Dr. Afonso Costa.

Eram assim os homens de há alguns anos.

É assim esta Ordem que eles fizeram e prestigiaram e que continua a querer-se voltada para o futuro, dando resposta ao que dela reclama o presente, mas coerentemente apegada a um passado que não esquece e que nunca aceitará alienar.

Foi durante a presidência do Prof. Barbosa de Magalhães (que, como assinalou o Bastonário Palma Carlos no seu elogio histórico, abrira as páginas da *Gazeta da Relação de Lisboa* aos seus «adversários de ideias», como José Tavares, Martins de Carvalho, Domingos Pinto Coelho, Martinho Nobre de Melo, Mário Pinheiro Chagas e Paulo Cancela de Abreu) que os Conselhos da Ordem, em sessão conjunta, repudiaram, por absolutamente inaceitável, o diploma legal que visava integrar a Ordem — como tal já perspectivada em 1838! — na orgânica corporativa, o que, além do mais, lhe cercearia a autonomia institucional de livremente poder escolher os seus órgãos directivos.

E, sublinhe-se, a proposta dessa frontal deliberação de repúdio foi feita pelo depois Bastonário Domingos Pinto Coelho.

4. É esta a Ordem que recebemos. É esta Ordem que hoje, em acto cujo significado transcenderá todas as palavras que se possam dizer, presta homenagem e reitera a sua gratidão ao Bastonário Dr. Pedro Pitta.

Como todos os demais, desde Vicente Monteiro a Almeida Ribeiro — e não pode também deixar de ser assinalada a presença moral de Acácio Furtado e António Sá Nogueira —, ele soube merecer «a mais alta honra a que um advogado pode aspirar», como algures referiu o Prof. Palma Carlos, que noutra lugar escreveu:

«Coty (antigo bastonário) dizia-me um dia que as horas mais felizes que viveu depois de erguido à Presidência da

República, eram as que passava entre os seus colegas advogados».

E, realmente, o apego às raízes, a inalterabilidade dos liames que uniram ou unem os advogados à sua Ordem, designadamente quando ela os acompanhou e defendeu em momentos de risco, é a marca daqueles que o foram com autenticidade e não como episódico e provisório modo de vida, logo desvanecido pelo ilusório torvelinho da vida pública. Ser grato e coerente é razão de honra e mal vão os homens que se tornam *superiores* ao seu passado e esquecem aqueles que nele estiveram a seu lado.

5. Em certo passo do último número da *Revista* da Ordem, citando Pierre Siré, anotei que Poincaré, depois de ter sido Presidente da República, considerou «comme un très grand honneur» ser eleito Bastonário de Paris.

Os advogados portugueses prestaram, pois, a Pedro Pitta, em vida, a maior homenagem que um advogado pode receber, elegendo-o sucessivas vezes para a presidência da Ordem.

Confirmam agora essa homenagem, ampliada já pela perspectiva dos anos e pela densidade dos acontecimentos, lembrando a verticalidade ímpar, a dignidade, a isenção sem reticências, a humana simpatia, o espírito de sacrifício com que o Bastonário Pedro Pitta cumpriu os seus deveres e justificou a confiança nele posta, prestigiando e assegurando uma linha de rumo exacta a esta Ordem nos passos de cada dia e nos grandes e difíceis momentos.

Mas a melhor homenagem que ele por certo queria lhe fosse prestada seria a de saber que a *sua* Ordem continua igual ao que sempre foi, corajosa e firme na defesa das liberdades, no bom combate pelo Direito e pela disponibilidade de espírito e independência ética de todos os advogados.